



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

Editorial

Nasce um território de palavras, práticas e esperança

É com entusiasmo e profundo sentimento de conquista coletiva dos bolsistas, professoras supervisoras e coordenadoras do PIBID-Alfabetização (EAD) que apresentamos a primeira edição deste jornal. Este não é apenas um novo veículo de comunicação: é o nascimento de um território simbólico construído por muitas mãos, muitas vozes e muitos sonhos.

Celebramos hoje mais do que páginas impressas ou textos organizados. Celebramos a coragem de registrar experiências, de compartilhar aprendizados e de afirmar publicamente a potência da educação como prática transformadora. Esta edição inaugural representa um marco: o início de um espaço permanente de diálogo entre universidade, escola e comunidade.

Cada projeto relatado, cada reflexão apresentada, cada experiência pedagógica descrita carrega o compromisso de quem acredita que educar é um ato coletivo. Este jornal nasce do desejo de dar visibilidade às práticas que acontecem diariamente, muitas vezes de forma silenciosa, nas escolas, nas salas de aula, nas formações e nos encontros entre professores e estudantes.

Vivemos tempos desafiadores, em que a educação é constantemente convocada a responder a demandas complexas. Entre avanços tecnológicos, desigualdades sociais persistentes e transformações culturais aceleradas, a escola permanece como espaço de construção de sentidos. E é nesse cenário que afirmamos: a educação continua sendo um território de resistência, criação e esperança.

A alfabetização, especialmente, revela a dimensão profunda desse compromisso. Ensinar a ler e escrever é abrir portas para o mundo. É permitir que crianças se tornem autoras de suas próprias histórias, capazes de interpretar, questionar e transformar a realidade. Ao celebrarmos esta primeira edição, reafirmamos a centralidade desse trabalho e o valor dos profissionais que o realizam com dedicação e responsabilidade.

Este jornal surge também como instrumento de memória. Registrar experiências significa reconhecer que o cotidiano escolar produz conhecimento. Significa compreender que a prática docente é campo de pesquisa, de reflexão crítica e de inovação. Ao compartilhar essas vivências, fortalecemos a formação docente e ampliamos as possibilidades de aprendizagem coletiva.

Não se trata apenas de informar, mas de inspirar. Queremos que cada página provoque novas ideias, incentive novas iniciativas e fortaleça redes de colaboração. Queremos que este espaço seja alimentado continuamente por relatos, análises, propostas e debates que expressem a diversidade e a riqueza dos territórios educativos que habitamos.



Xilogravura de J. Borges - Fonte: gfrimages

Comemorar esta primeira edição é reconhecer o esforço de todos que acreditaram na proposta, contribuíram com textos, organizaram materiais e tornaram possível transformar uma ideia em realidade. É também assumir o compromisso de continuidade: que este seja o primeiro de muitos números, ampliando vozes e consolidando uma cultura de partilha.

A escola é feita de encontros. A formação docente é feita de reflexão e prática. A educação é feita de esperança ativa. Este jornal nasce para articular tudo isso em um mesmo espaço: um território de palavras que ecoam, conectam e mobilizam.

Que esta edição inaugural seja lida com orgulho. Que represente o início de um movimento permanente de diálogo e construção coletiva. Que inspire novas práticas, fortaleça convicções e reafirme a importância da educação pública, democrática e socialmente comprometida. Hoje celebramos o começo. E todo começo carrega em si a promessa de futuro.

Bem-vindos à primeira edição. Que este território cresça, floresça e se multiplique a cada nova página escrita.

Gláucia Jorge e Rosângela Magalhães
Coordenadoras subprojeto PIBID-Alfabetização – EAD



Saúde, 1899,
[Moça lendo
carta]
José Ferraz de
Almeida Jr. (Brasil
1850-1899)
óleo sobre tela,
197 x 101 cm
Pinacoteca do
Estado de São
Paulo [PESP]



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

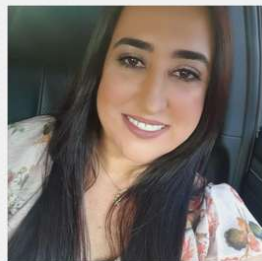
Quem somos nós!

O PIBID Alfabetização EAD/UFOP integra o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, promovido pela CAPES e regulamentado pela Portaria nº 90/2024, com a finalidade de aproximar os licenciandos da realidade da escola pública.

No âmbito da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), o projeto é desenvolvido no curso de Pedagogia EAD, articulando teoria e prática na formação de futuros professores alfabetizadores. Em 2026, o subprojeto conta com a parceria das escolas e municípios de Bom Despacho, Congonhas, Conselheiro Lafaiete, João Monlevade, Ponte Nova e Três Marias, reafirmando a confiança entre universidade e redes públicas de ensino.



Prof. Dra. Gláucia Jorge
Coordenadora PIBID Alfabetização - EAD
UFOP



Prof. Dra. Rosângela Magalhães
Coordenadora PIBID Alfabetização - EAD
UFOP

As ações possuem caráter formativo, colaborativo e reflexivo, respeitando os projetos político-pedagógicos das escolas e as orientações das redes municipais. As bolsistas atuam nas unidades escolares acompanhadas pelas professoras supervisoras, que realizam o acompanhamento cotidiano e a mediação institucional.

No âmbito do Projeto Alfabetização – PIBID EAD/UFOP, as professoras Gláucia Maria dos Santos Jorge e Rosângela Márcia Magalhães exercem a coordenação acadêmica e pedagógica do subprojeto, sendo responsáveis pelo planejamento, acompanhamento e avaliação das ações formativas desenvolvidas nas escolas parceiras.

Cabe a ambas organizar as diretrizes do projeto em consonância com as orientações da CAPES e com o Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia EAD da UFOP, assegurando a articulação entre teoria e prática na formação das bolsistas.



Prof. Cláudia Aparecida de Andrade
Polo de Conselheiro Lafaiete



Prof. Cláudia Fonseca
Polo de João Monlevade



Prof. Silmara Eneida
Polo de Três Maria



Prof. Shirley Ferreira.
Polo Bom Despacho



Prof. Michele Garcia
Polo de Congonhas



Prof. Márcia Cristina de Almeida
Polo de Ponte Nova

As professoras supervisoras constituem o canal formal de interlocução entre escola e universidade, garantindo o alinhamento pedagógico e organizacional do projeto. A coordenação do PIBID Alfabetização EAD/UFOP mantém diálogo permanente com as equipes gestoras, fortalecendo a cooperação interinstitucional. O projeto reafirma o compromisso com a valorização do magistério e com a qualidade da educação pública. Trata-se de uma iniciativa que promove aprendizagens significativas e consolida a parceria entre universidade e escola.

O papel da coordenação dos projetos e das supervisoras é muito importante na consolidação do PIBID como espaço de formação crítica, colaborativa e reflexiva, fortalecendo a integração entre universidade e escola pública e contribuindo para a qualificação da formação inicial de professores alfabetizadores.



TERRITÓRIOS PIBID

NOSSAS BOLSISTAS TÊM NOME E SOBRENOME!

BOM DESPACHO

Camila Aparecida das Graças Silva
Cecilia Cristina Paiva
Laura Couto Andrade
Isabela Cardoso Ferreira
Luana Cristina Cabral Fonseca
Mariana Silva Couto
Tassiane Karen Costa

PONTE NOVA

Adriana Aparecida Machado
Ana Marina Antunes Ramos Fialho
Kerolay Santiago Messias Maria
Nayene Silva Oliveira
Rafaela Donato Quintino

TRÊS MARIAS

Ana Clara dos Santos Moreira
Edilene Rodrigues de Lima
Janaine das Graças Carvalho Barbosa
Juliana Batista da Silva
Júly Caroline Neves Pimentel
Kelly Cristina Rosa Pinto
Tatiane Romão Soeiro



Bolsistas PIBID-EAD no Encontro de Saberes da UFOP - 2025

CONGONHAS

Ana Beatriz Maia Silva
Elaine Batista Marques
Isabela Lobo Monteiro de Castro
Israel Bruno do Carmo
Kelly Cristina Ferreira
Nicole Lorraine Marcossi Assis
Raiane Gisele da Silva
Samanta Kelly Inácio Silva
Tamires Amanda Silva Marques
Thais de Oliveira Reis Valentino
Viviane Iglesias Silva Paulino Gonçalves Pieri

CONSELHEIRO LAFAIETE

Adriana Aparecida Machado
Ana Marina Antunes Ramos Fialho
Kerolay Santiago Messias Maria
Nayene Silva Oliveira
Rafaela Donato Quintino
Ana Beatriz de Carvalho
Giovanna Tayller Rodrigues de Oliveira
Joyce Maia do Nascimento
Julia Bavuso de Oliveira Resende
Luiza Fernanda Alves Gonçalves
Marli das Graças Pereira
Stephanny Lorrana da Costa
Thais Andrade Campos

JOÃO MONLEVADE

Alice Maria Inácio Alexandre
Aline Cristiane Paulo da Silveira
Ana Carolina Braga Rodrigues
Ana Paula Ferreira Pereira
Ana Paula Gomes
Paola Vitória Faustino da Silva
Raquel Cristina Fernandes
Tatiana Lopes de Menezes



Bolsistas PIBID-EAD no Encontro de Saberes da UFOP - 2025





TERRITÓRIOS PIBID

Territórios entrevista: Prof. Titular Hércules Tolêdo Corrêa:

Gláucia Jorge

Hércules Tolêdo Corrêa é professor Associado na Universidade Federal de Ouro Preto. Coordena o grupo de pesquisa MULTDICS – Multiletramentos e usos das TDIC na Educação e os projetos de extensão Café com broa e literatura broa: edição aberta, cujo principal objetivo é contribuir para a formação de leitores e de professores no âmbito do letramento literário e do ensino da literatura; e Multdics Entrevista, com o objetivo de discutir aspectos ligados à formação de leitores, produção, circulação e promoção do livro e da leitura. Desenvolve pesquisas relacionadas aos multiletramentos, letramento literário, letramento digital e letramento acadêmico. Realizou estágios de pós-doutoramento nas Universidades do Minho, Braga, Portugal, em 2007; e York University, Toronto, Ontário, Canadá, em 2018. É doutor em Educação: conhecimento e inclusão social (2002), mestre em Letras: Estudos Linguísticos (1996), e graduado em Letras/Português, pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Territórios PIBID: Professor Hércules, como sua trajetória de como professor e pesquisador e escritor tem dialogado com a formação de professores alfabetizadores no Brasil?

Hércules Tolêdo Corrêa: Primeiramente gostaria de agradecer a oportunidade de compartilhar com nossos leitores um pouco do que penso sobre leitura, escrita, alfabetização, literatura para crianças, formação de professores e professoras e outros assuntos correlatos. É sempre bom falar desses assuntos com os quais somos envolvidos e pelos quais somos entusiasmados. Sou professor há cerca de 35 anos. Minha experiência com a educação básica, em sala de aula, foi breve, mas sempre estive envolvido com a formação de professores, porque, embora tenha atuado como docente de leitura e produção de textos em diferentes cursos (Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Ciência da Computação, Engenharias, dentre outros), minha maior atuação foi nos cursos de Letras, em uma instituição particular, em Belo Horizonte, e no curso de Pedagogia, no Centro de Educação Aberta e a Distância – CEAD, na Universidade Federal de Ouro Preto. Tanto no ensino, quanto na pesquisa e na extensão, atividades tão importantes na vida do homem acadêmico, como nomeado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, tenho podido refletir sobre a formação de professores alfabetizadores e de língua portuguesa. Também estive envolvido por muitos anos com avaliação de livros didáticos de alfabetização, letramento e língua portuguesa, para o Ministério da Educação. Outro programa nacional com o qual estive envolvido por cerca de 20 anos foi o Programa Nacional Biblioteca da Escola, o PNBE. Portanto, quando olho para trás, percebo que tenho uma vida dedicada a esses temas, que incluem a formação de professores e professoras no âmbito da alfabetização e letramento.

Territórios PIBID: Seu livro *A menina Carolina* recria a vida da escritora Carolina Nabuco. Que lugar a literatura ocupa na formação de professoras e professores alfabetizadores, especialmente no contexto do PIBID?



Fonte: acervo de Hércules Tolêdo Corrêa

Há muitos anos eu tinha o projeto de começar a escrever livros para crianças. Entretanto, o fato de participar de políticas públicas de avaliação de livros literários para crianças, jovens e adultos (nas diferentes edições do Programa Nacional Biblioteca da Escola) me impedia de ter contratos com editoras. Fui, então, adiando o projeto de escrever e publicar esses livros, mas sempre pensando nisso. Quando veio aquele fatídico governo federal, entre 1998 e 2022, decidi me desligar completamente dessas políticas. Não queria, por princípio, servir a um projeto conservador e moralista, que fez questão de desqualificar a educação como um todo. Dessa forma, retomei a ideia de escrever para crianças. Relembrei uma pesquisa que fiz ainda no início dos anos 2000, em que analisamos a formação dos leitores e de escritores a partir de autobiografias de alguns brasileiros. Quando adolescente, conheci a escritora Carolina Nabuco por meio de uma telenovela que fez muito sucesso, chamada *A sucessora*. Quando conheci o livro 8 décadas, autobiografia dessa escritora, fiquei fascinado com a sua trajetória. Tive então a ideia de escrever um livro falando dela e de sua obra para que as crianças tivessem notícias de quem foi essa mulher, que fez tanto sucesso no Brasil, ao que tudo indica foi até plagiada no exterior, mas que ficou esquecida pela história da literatura. Foi assim que nasceu a narrativa. Para contar a história, criei uma narradora, uma menina espertinha, que gosta muito de livros e de palavras, para apresentar aos leitores e leitoras Carolina Nabuco. Veio a pandemia, em 2020, e acabei engavetando o projeto por um tempo, até que em 2023 tive a oportunidade de conhecer pessoalmente o ilustrador Maurizio Manzo. Quando surgiu a possibilidade de fazer uma parceria com o Maurizio, para que ele ilustrasse o livro, fiquei muito empolgado. Aí nasceu este livro que tem me dado muita alegria, embora, mesmo aos 60 anos, eu mantenha a insegurança típica de um estreante. Como sempre tenho falado, trata-se de uma estreia tardia na literatura para crianças. Já havia publicado alguns contos, poemas e crônicas, mas não havia me aventurado na literatura para crianças. Da parceria com esse ilustrador fantástico, nasceu um belo livro ilustrado, categoria em que encaixo a obra, por não imaginar mais meu texto sem as imagens tão delicadamente criadas, desenhadas e pintadas pelo Maurizio. Tentamos fazer um livro para crianças que também pudesse ser apreciado pelos adultos. Não sei muito bem se conseguimos.



TERRITÓRIOS PIBID

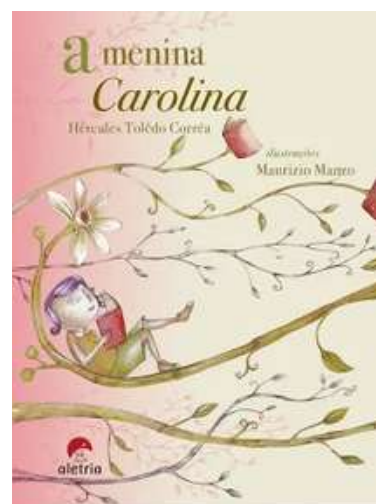
Mas fiquei animado com a ideia e daí nasceu o projeto de fazer uma trilogia. Nosso próximo livro deverá sair no final de 2025 e homenageará a escritora Carolina Maria de Jesus, mulher negra e pobre, catadora de papel, que rompeu barreiras e se tornou uma escritora respeitada. Para terminar a trilogia, também queremos publicar uma biografia para crianças de Júlia Lopes de Almeida, importante escritora que produziu na virada dos séculos XIX para o XX.

Respondendo mais diretamente a sua pergunta, penso que a literatura é um bem cultural ao qual todos temos direito. A literatura nos permite conhecer e compreender diferentes contextos culturais, pode ampliar nosso vocabulário, tem o poder de nos sensibilizar para diferentes temas. Os livros para as crianças têm trazido cada vez mais ilustrações criativas que seduzem não apenas as crianças, mas leitores de todas as idades. É preciso levar esses materiais para a sala de aula e promover o que chamamos de letramento literário, ou seja, a formação de um aluno que se torne efetivamente um leitor de literatura, na escola e na vida, capaz de fazer suas próprias escolhas e de avaliar a qualidade estética dessas obras, principalmente, formando e refinando seus gostos. Gosto muito de uma frase que li num livro de teoria da literatura ainda criança: “Gosto não se discute, mas se aperfeiçoa.” Acredito muito no refinamento do gosto na medida em que temos acesso a diferentes bens culturais.

Isso não acontece apenas com a literatura, mas com a música, com pintura, com o teatro, enfim com todas as formas de arte e cultura.

É importante lembrar sempre que para formar leitores o professor ou a professora também precisam ser leitores, daí a importância da literatura para adultos na sua formação. Nos cursos de Pedagogia, por exemplo, normalmente não há disciplinas voltadas para o estudo e apreciação da literatura adulta, apenas para a literatura infantil, quando há. O programa de formação de professoras da educação infantil, implantado nacionalmente no ano passado, valoriza a experiência de leitura de textos para adultos por meio de tertúlias literárias, encontros em que as professoras apresentam suas percepções de livros para adultos sugeridos nas formações, e geralmente conversam com especialistas. Na apreciação de uma obra literária, é muito importante ultrapassar o “gostei” ou “não gostei” e apontar percepções que a obra ou as obras nos suscitaram, estabelecer relações entre obras lidas e outras formas de manifestação artística ou cultural (pinturas, filmes e séries, por exemplo). No contexto do PIBID, acredito que pode haver um investimento nessa formação literária do professor, para que ele também possa ser efetivamente um formador de leitores literários em suas práticas pedagógicas.

Territórios PIBID: Você costuma afirmar que o letramento literário é uma prática de liberdade. Como o PIBID pode contribuir para que futuros docentes desenvolvam uma postura crítica e sensível diante da literatura e da vida escolar?



Fonte: acervo Hércules Toledo Corrêa

DICA

DE

LEITURA

Título original: A menina Carolina
2024, 1ª edição
40 páginas,
Autor: Hércules Tolêdo Corrêa
Ilustrador: Maurizio Manzo

Hércules Tolêdo Corrêa: Há muitos desafios a serem enfrentados nas formações em Pedagogia, que é o curso que forma alfabetizadores e alfabetizadoras. Um problema sempre relatado por estudantes da graduação é o distanciamento entre teoria e prática. Muitas vezes, os currículos universitários apresentam um foco excessivamente teórico, com pouca conexão com a realidade concreta das salas de aula da rede pública. Os estágios supervisionados nem sempre oferecem possibilidade participação e engajamento do estudante em práticas pedagógicas mais concretas. Dessa forma, o PIBID torna-se um potente programa de formação do estudante e possibilita uma maior aproximação da universidade com a escola. Vejo que com o PIBID ganham todos: ganha o estudante, com a oportunidade de estar mais tempo na escola; ganham a universidade e os professores universitários, que têm a oportunidade de testar teorias e de prestar um serviço relevante para a escola; ganham a escola e seus professores, que têm a oportunidade de se renovar com teorias, de ter uma espécie de assessoria e consultoria de professores com formação mais consistente; ganham os alunos, com a oportunidade de participar de atividades pedagógicas com universitários cheios de entusiasmo com a formação, isso em condições ideais. Também podemos apontar algumas lacunas na formação específica sobre alfabetização e letramento. Ainda persistem deficiências no que tange ao domínio de conhecimentos cruciais sobre o processo de alfabetização, como: consciência fonológica, ou seja, a compreensão de como os sons da fala se relacionam com as letras; os métodos de alfabetização, um conhecimento aprofundado sobre diferentes abordagens (fônico, silábico, global etc.) e como aplicá-los de forma eficaz e crítica. Também podemos apontar os problemas de desenvolvimento da leitura e escrita, no entendimento das etapas e progressão da aprendizagem. Lembremos também das dificuldades de aprendizagem de muitos estudantes, na capacidade de identificar sinais e conhecer estratégias de intervenção. Hoje em dia, a meu ver, há um excesso de diagnósticos precoces de distúrbios de aprendizagem, tais como TDAH, dislexia e até mesmo transtornos do espectro autista, mas muitas vezes pouco se faz para lidar com essas questões, ficando mais no diagnóstico.



TERRITÓRIOS PIBID

Com relação à literatura infantil e formação de leitores, sabemos que muitos estudantes não têm habilidade e conhecimento para selecionar e utilizar textos literários para engajar e formar leitores desde cedo. Ainda sofremos com o despreparo de muitos para lidar com a diversidade. As salas de aula brasileiras são heterogêneas, com alunos de diferentes origens socioeconômicas, culturais e com necessidades educacionais específicas. A formação inicial nem sempre prepara o professor para adaptar suas práticas pedagógicas a essa diversidade, garantindo que todos os alunos tenham oportunidades iguais de aprender. Para o estudante de graduação, o conhecimento também se mostra de forma fragmentada. A organização curricular por disciplinas isoladas dificulta a construção de uma visão integrada sobre o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Há pouco incentivo à pesquisa e à reflexão sobre a prática. A formação inicial, por vezes, não estimula suficientemente a postura investigativa e reflexiva do futuro professor, essencial para que ele possa analisar sua própria prática, buscar soluções inovadoras e se manter atualizado. Não podemos deixar de falar também das condições de trabalho e desvalorização da carreira docente. Embora não seja um aspecto direto da formação inicial, as condições de trabalho precárias, os baixos salários e a desvalorização da carreira docente desestimulam muitos jovens a ingressar na profissão ou a permanecer nela, impactando indiretamente a qualidade da formação e a atratividade dos cursos de Pedagogia.

Por outro lado, vislumbro caminhos potentes. A começar pelo próprio PIBID, que incentiva essa integração teoria e prática e a aproximação universidade e escola. Também temos os programas de residência pedagógica, que permitem uma imersão mais longa e acompanhada de licenciandos em escolas; os projetos de pesquisa-ação no âmbito da iniciação científica, com o desenvolvimento de pesquisas conjuntas entre universitários, professores formadores e professores da educação básica para solucionar problemas reais da alfabetização. PIBID, Residência Pedagógica e Iniciação Científica com pesquisa-ação permitem maior participação de professores da educação básica na formação inicial, trazendo suas experiências e os saberes docentes – como nos ensina o estudioso Maurice Tardif –, para o ambiente acadêmico. Há também iniciativas de formação para a diversidade e inclusão, como palestras e cursos sobre antirracismo, homofobia e transfobia na escola; integração de pessoas com deficiência (PCD) no ambiente escolar; e o acolhimento de refugiados estrangeiros.

cTambém é importante lembrar que a formação inicial é apenas o começo. É preciso criar uma cultura de aprendizagem ao longo da vida, com programas de formação continuada de qualidade, que dialoguem com os desafios enfrentados pelos professores em suas carreiras e aí lembremos de iniciativas como Pró-Letramento, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC e o programa Leitura e Escrita na Educação Infantil – LEEI, implantado nacionalmente em 2024, depois da retomada do governo democrático. Sinto-me muito feliz e realizado por ter participado, em diferentes momentos, de programas como esses. Sinto que pude contribuir, mesmo com todas as adversidades que enfrentamos. Infelizmente, passamos por um período tenebroso, entre 2018 e 2022, como todos sabem, em que não tivemos praticamente nenhuma política de formação de professores.

Houve um malfadado projeto chamado *Conta pra mim*, que nem saiu do papel. Não houve livros, mas apenas arquivos em PDF de obras de qualidade duvidosa tanto em termos de texto quanto de imagens. Cheguei a escrever um artigo que não foi publicado chamado Sem sabor e sem odor: algumas notas sobre biografias da coleção Conta pra mim, que eu costumava brincar chamando de “Não conta pra mim”. Não publiquei porque o programa não foi efetivado. Vale lembrar do uso crítico e criativo de tecnologias digitais. É preciso integrar as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) como ferramentas de apoio ao processo de alfabetização e ao desenvolvimento profissional do professor. Tenho estudado sobre o tema há muitos anos, a partir dos estudos críticos sobre os multiletramentos.

O assunto do momento é a inteligência artificial e suas implicações para o trabalho do professor e a aprendizagem dos estudantes. Como dizia Umberto Eco, com relação à cultura de massas, havia (e há) os “apocalípticos” e os “integrados”. Acredito que podemos usar o mesmo raciocínio para a questão da inteligência artificial, que chegou com tudo nos dois últimos anos. Não podemos nos posicionar de forma simplista do tipo “a favor” ou “contra” a IA. O conhecido linguista e crítico do sistema capitalista Noam Chomsky já deu uma entrevista, em 2023, em que afirma não haver como negar a inteligência artificial e seus usos, mas é preciso usá-la de forma ética e também prepararmos nossos alunos para lidar com ela da mesma forma.

Vejamos um exemplo prático. Se lá pelos anos 1980 e até anos 1990 eu me valia principalmente dos livros para consultas quando estava estudando ou escrevendo um artigo (sim, comecei minha carreira nos anos 1980 ainda...), já em 1994 ou 1995 comecei a usar bastante a internet para fazer consultas. Depois da criação e popularização do Google, sempre recorri (acho que quase todos) a ele para dirimir dúvidas, adquirir informação, pesquisar diferentes assuntos e temas. Tenho feito o mesmo com a inteligência artificial. Pergunto, indago, pesquiso ao/no ChatGPT, Gemini e Meta IA para escrever artigos acadêmicos e crônicas literárias, preparar aulas e apresentações, encontrar e editar imagens, dentre tantas outras tarefas.

Mas não trabalho na base do “copia” e “cola”. É preciso saber selecionar, editar, reelaborar, reorganizar, checar informações e, sobretudo, fazer uso ético desses materiais, cuidando para citar devidamente autores e fontes, respeitando o trabalho intelectual do outro. Como nos ensinou Umberto Eco, tanto a condenação total dos apocalípticos (os que veem a IA como ameaça apenas) quanto a aceitação ingênua dos integrados (aqueles que usam e abusam da IA) são insuficientes para compreender a complexidade desse recurso. É importante entender como funcionam essas ferramentas e quais ações são possíveis para que ela possa, de fato, nos auxiliar sem comprometer a ética.

Territórios PIBID: Como o PIBID pode colaborar para que os licenciandos não apenas aprendam a ensinar, mas também se reconheçam como sujeitos históricos em formação?



TERRITÓRIOS PIBID

Hércules Tolêdo Corrêa: O PIBID, fomentado pela CAPES, do Ministério da Educação, desempenha um papel importantíssimo na formação de licenciandos, indo além do mero ensino de técnicas pedagógicas. O PIBID colabora significativamente para que futuros professores se reconheçam como sujeitos históricos em formação, imersos em um contexto social, político e cultural que molda e é moldado pela educação. Pelo que percebo, há alguns mecanismos dentro da estrutura e dos objetivos do PIBID que contribuem para essa conscientização, como a inserção no cotidiano escolar e articulação teoria e prática, já falada. O PIBID também proporciona aos licenciandos uma imersão prolongada e planejada no ambiente da escola pública, normalmente mais que os estágios supervisionados. Essa vivência direta permite que eles não apenas observem, mas participem ativamente do cotidiano escolar, confrontando as teorias aprendidas na universidade com a realidade complexa da sala de aula e da comunidade escolar. Essa articulação entre teoria e prática, um dos pilares do programa, é fundamental para que o licenciando compreenda a educação como um fenômeno social e histórico, e não apenas como um conjunto de técnicas a serem aplicadas. Eles percebem como as condições sociais, econômicas e culturais influenciam o processo de ensino-aprendizagem. O PIBID proporciona uma reflexão crítica sobre a prática docente, pois incentiva a reflexão constante sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas. Os licenciandos, sob a supervisão de professores da escola e da universidade, são estimulados a analisar suas ações, os desafios encontrados, os saberes dos alunos e as dinâmicas institucionais. Essa postura reflexiva leva à compreensão de que a docência é uma atividade intelectual e política, que envolve tomadas de decisão, posicionamentos éticos e um compromisso com a transformação social. Ao refletir sobre sua própria prática em desenvolvimento, o licenciando começa a se ver como um agente de mudança, um sujeito que intervém na realidade. O PIBID permite a compreensão da escola como espaço sociocultural e político. Ao vivenciar o "chão da escola", os pibidianos entram em contato com a diversidade de sujeitos, culturas, conflitos e potencialidades presentes na comunidade escolar. Eles passam a entender a escola não como uma instituição isolada, mas como um microcosmo da sociedade, atravessada por questões sociais, políticas e históricas. Essa percepção é crucial para que se reconheçam como parte desse contexto mais amplo, entendendo que sua atuação profissional terá implicações que transcendem a sala de aula.

Territórios PIBID: Que experiências literárias marcaram sua própria trajetória escolar e acadêmica, e como essas vivências influenciam seu trabalho atual com formação de professores?

Hércules Tolêdo Corrêa: Que experiências literárias marcaram sua própria trajetória escolar e acadêmica, e como essas vivências influenciam seu trabalho atual com formação de professores?

Desde muito criança interessei-me pelos livros. Nasci em uma família simples, no interior de Minas Gerais. Meus pais tinham pouca instrução e na minha casa praticamente não havia livros. Meu pai cursara apenas o primário, à época com três anos, e minha mãe fizera até o quarto ano do ginásio, o que corresponde ao final do Ensino Fundamental II hoje em dia. Mas eu descobri na pequena Carmo da Mata, na zona Campo das Vertentes, uma biblioteca pública que, para mim, era um mundo à parte. Frequentei muito essa biblioteca. Levava livros para casa toda semana. Foi com essa biblioteca que tive acesso aos contos de fadas, à literatura infantil produzida por Monteiro Lobato, Lygia Bojunga Nunes, Edy Lima, Vovô Felício e tantos outros autores. Ali também iniciei a minha leitura de autores da literatura universal e brasileira: Júlio Verne, Oscar Wilde, Machado de Assis, José Mauro de Vasconcelos, Clarice Lispector, para citar alguns nomes. Por causa da literatura eu decidi estudar Letras. Mas o percurso durante a graduação me levou a um mestrado em Estudos Linguísticos. Foi ao final do mestrado que a literatura voltou a ser protagonista na minha vida. Li o livro *Índex*, de Bartolomeu Campos de Queirós, e me reconheci naquela narrativa autobiográfica, como eu chamava à época, ou autoficcional, como costumamos enquadrar hoje em dia tal tipo de livro. Ingressei no doutorado em Educação e fui orientado pela Professora Graça Paulino, grande intelectual, que foi uma das responsáveis por cunhar e disseminar a expressão *letramento literário* nos meios acadêmico e escolar. Ao começar a me aprofundar nos estudos da literatura infantil, hoje preferimos chamar de literatura para as infâncias, no plural mesmo, assumi essa disciplina no curso de Letras da instituição particular em que eu trabalhava. De lá para cá, envolvi-me completamente com o ensino, a pesquisa e a extensão a partir de temas como *letramento literário*, *educação literária*, *ensino de literatura*, *leitura literária na escola*.

Parece que a literatura sempre permeou minha trajetória, desde criança. Decidi fazer Letras muito por causa da literatura. Mesmo tendo me dedicado aos estudos linguísticos por muitos anos, acabei retornando para a literatura (ou melhor, acho que nunca a deixei de lado).

Territórios PIBID: Que papel a escola exerce, em sua visão, na construção do pertencimento das crianças à cultura escrita, especialmente em contextos vulneráveis?

Hércules Tolêdo Corrêa: No meu ponto de vista, a escola exerce um papel fundamental e insubstituível na construção do pertencimento das crianças à cultura escrita, especialmente em contextos vulneráveis. Mais do que um espaço de transmissão de conhecimento, a escola é um portal para um mundo de possibilidades e uma âncora de segurança para muitas crianças. Para crianças em contextos vulneráveis, o acesso à cultura escrita muitas vezes é muito limitado fora do ambiente escolar. A escola se torna, então, o principal, senão o único, lugar onde elas têm contato sistemático com livros, textos variados, e a oportunidade de desenvolver habilidades de leitura e escrita.



TERRITÓRIOS PIBID

A escola proporciona o acesso físico a materiais escritos (livros, revistas, jornais etc.) que talvez não estejam presentes em suas casas ou comunidades. Além disso, ela familiariza a criança com as diversas funções sociais da escrita, mostrando como ela é usada no dia a dia, desde uma lista de compras até a leitura de um contrato. É na escola que as crianças aprendem as convenções da escrita, a relação entre sons e letras (alfabetização), e como construir sentido a partir de textos. Em contextos vulneráveis, onde o suporte familiar para esse aprendizado pode ser menor, o papel do professor e das metodologias pedagógicas se torna ainda mais crucial. Um ambiente escolar acolhedor e estimulante pode despertar o prazer pela leitura e pela escrita, transformando a aquisição dessas habilidades em algo significativo e divertido. Isso é especialmente importante para crianças que podem ter experiências negativas ou desinteressantes com a escrita fora da escola. Quase todos os exemplos e argumentos apresentados acima foram amplamente trabalhados pela professora e pesquisadora Magda Soares, com quem tive a honra de conviver academicamente. O "pertencimento" à cultura escrita vai além de saber ler e escrever. Significa sentir-se parte desse universo, compreender sua importância, usá-lo para se expressar e interagir com o mundo, e reconhecer-se como um sujeito capaz de produzir e interpretar significados através da linguagem escrita. Em contextos vulneráveis, esse pertencimento adquire um peso ainda maior. Dominar a cultura escrita oferece ferramentas para que as crianças compreendam o mundo ao seu redor, expressem suas ideias, lutem por seus direitos e busquem novas oportunidades. É um instrumento de autonomia que pode romper ciclos de vulnerabilidade. Ao ler e escrever, as crianças podem se identificar com personagens, explorar diferentes realidades, e construir sua própria narrativa. A escola, ao oferecer um repertório diversificado, permite que elas se vejam representadas e ampliem suas perspectivas. A cultura escrita é um pilar da participação plena na sociedade. Em contextos vulneráveis, a escola se torna um agente de inclusão social, equipando as crianças com as competências necessárias para navegar em um mundo cada vez mais letrado. Em comunidades de risco, a escola também funciona como um espaço de proteção. Manter as crianças engajadas e aprendendo, inclusive na cultura escrita, as afasta de situações de violência e oferece um caminho para um futuro mais seguro. Em contextos vulneráveis, a escola enfrenta desafios adicionais, como a falta de infraestrutura, escassez de recursos, e a necessidade de lidar com questões sociais complexas que afetam o aprendizado. Em suma, a escola é a principal instituição capaz de democratizar o acesso à cultura escrita em contextos vulneráveis, transformando-se em um espaço de acolhimento, aprendizado e empoderamento, onde cada criança e o jovem podem descobrir o poder da leitura e da escrita para construir seu próprio futuro.

“A escola proporciona o acesso físico a materiais escritos (livros, revistas, jornais etc.) que talvez não estejam presentes em suas casas ou comunidades”.

Territórios PIBID: Como as práticas de leitura literária podem ser articuladas com as práticas de alfabetização no cotidiano da sala de aula? Você poderia citar exemplos?

Hércules Toledo Corrêa: Podemos pensar na leitura literária como base, como uma espécie de alicerce da alfabetização e do letramento. Esse tem sido uma das premissas do programa Leitura e Escrita na Educação Infantil – LEEL. Sabemos que não é objetivo da educação infantil alfabetizar. No entanto, é muito importante o trabalho com a leitura literária nesse momento de entrada da criança na escola, por meio do que chamamos de mediação de leitura. Esse trabalho com a leitura literária deve ter continuidade nos primeiros anos do ensino fundamental e se prolongar pelos demais segmentos da educação básica, a fim de formar leitores literários autônomos, críticos, capazes de fazer suas próprias escolhas. A leitura literária e as práticas de alfabetização são parceiras inseparáveis no cotidiano da sala de aula. Longe de serem atividades distintas, elas se complementam e se fortalecem, construindo um caminho mais significativo e prazeroso para o desenvolvimento de leitores e escritores. Articular essas práticas significa usar a literatura como um motor para o aprendizado da leitura e da escrita, e não apenas como um complemento. A integração pode ocorrer de diversas formas, desde o planejamento das atividades até a execução em sala. Podemos citar exemplos de práticas pedagógicas que contribuem para esse letramento literário. É muito importante expor as crianças a uma variedade de gêneros literários (contos de fadas, poemas, fábulas, lendas, parlendas, quadrinhos) desde cedo. Isso amplia o repertório, o vocabulário e a compreensão de diferentes estruturas textuais. Na leitura literária compartilhada, o professor lê para e com os alunos, modelando a fluência, a entonação e a expressividade. Durante a leitura, pausas estratégicas permitem discussões sobre a história, personagens, e a formulação de hipóteses. As rodas de conversa literárias também são uma excelente estratégia. Após a leitura, o professor ou professora pode criar um espaço para que as crianças expressem suas percepções, sentimentos e interpretações sobre o texto. Isso estimula a oralidade, o pensamento crítico e a construção coletiva de sentido. A partir da aprendizagem da tecnologia da escrita, pode-se trabalhar a escrita criativa a partir da literatura. As crianças podem reescrever trechos, criar novos finais, produzir continuações, escrever cartas para personagens ou escritores e ilustradores. As crianças podem também criar suas próprias histórias com base nos temas e estilos explorados. Hoje em dia tem-se falado muito nas materialidades do livro. Portanto, é importante ensinar aos alunos o manuseio do livro, a identificação de capa, quarta capa, título, autor e ilustrador, editora e outros elementos que aparecem. Isso contribui para a familiarização com o universo da leitura e a valorização do material. Integrar brincadeiras, músicas, dramatizações e jogos que remetam aos textos literários também é muito importante. A ludicidade torna o processo de aprendizagem mais envolvente e eficaz. Trabalhar com os alunos os elementos essenciais de uma história: personagens, cenário, enredo, conflito e desfecho. Compreender esses elementos ajuda na interpretação e na produção textual. Também é importante que haja um acompanhamento mais individualizado nos primeiros anos de escolarização: observar o desenvolvimento de cada criança, identificando suas dificuldades e potencialidades, e oferecendo suporte direcionado para que avancem em suas práticas de leitura e escrita.



TERRITÓRIOS PIBID

Podemos citar alguns exemplos bem práticos para o cotidiano de salas de aula de alfabetização. As vogais e consoantes podem ser exploradas por meio de parlendas e trava-línguas, gêneros textuais simples e que costumam agradar muito as crianças. A produção de textos coletiva a partir de uma história conhecida também constitui um exemplo de práticas de leitura e escrita em sala de aula, com a mediação do professor. Recontar finais de história também estimulam a criatividade dos alunos. Hoje em dia também há muitos livros no mercado que exploram jogos e brincadeiras com o “alfabeto literário”: cada letra é associada a um personagem, objeto ou conceito. Por exemplo: A de “Alice”, B de “Branca de Neve”, C de “Chapeuzinho Vermelho”. Ao integrar a leitura literária e as práticas de alfabetização, a sala de aula se transforma em um ambiente mais estimulante e rico, onde a leitura e a escrita deixam de ser tarefas mecânicas e se tornam janelas para o mundo da imaginação e do conhecimento.

Territórios PIBID: Para encerrar: que conselhos o você daria às (aos) pibidianas (os) que estão iniciando sua trajetória na docência, especialmente no campo da alfabetização?

Hércules Tolêdo Corrêa: Acredito que o PIBID seja uma oportunidade ímpar para futuros professores. É importante pibidianos e pibidianas observem e aprendam com suas supervisoras ou supervisores. O professor da escola é uma fonte valiosa de conhecimento e experiência. Observem suas práticas, a forma como gerenciam a sala de aula, como interagem com os alunos e como lidam com os desafios diários. Também é importante que pibidianos construam um relacionamento com a comunidade escolar, conhecendo os outros profissionais da escola (coordenador pedagógico, outros professores, funcionários), os alunos e, se possível, os pais. Uma boa relação facilita a integração e o entendimento do contexto escolar. Proatividade e colaboração são palavras-chave. Não esperar que as tarefas apareçam. É importante oferecer para ajudar, participar das discussões, propor ideias. Registrar as experiências também é importante. Sugiro a produção de um diário de campo ou um portfólio, com observações, reflexões, atividades desenvolvidas, dificuldades encontradas e soluções. Esse registro será valioso para sua formação e para futuras análises. Em termos específicos da alfabetização, é importante que pibidianos estudem com profundidade as diferentes abordagens e os diferentes métodos de alfabetização: construtivismo e psicogênese da língua escrita (Emília Ferreiro, Ana Teberosky), alfabetização fônica, método global etc. Entenda os princípios e as implicações de cada uma dessas abordagens. Também é importante lembrar que o conhecimento prévio dos alunos deve ser valorizado. A partir desses conhecimentos o trabalho de alfabetização deve ser construído. Também é importante considerar a diversidade de hipóteses de escrita. Saber identificar e trabalhar com as diferentes hipóteses que as crianças elaboram sobre o sistema de escrita (pré-silábica, silábica sem valor sonoro, silábica com valor sonoro, silábico-alfabética, alfabética). A chamada consciência fonológica também é outro importante conceito que permeia a alfabetização. Trabalhar com rimas, aliterações e segmentação de palavras; promover atividades lúdicas com músicas, parlendas, trava-línguas e jogos são excelentes para desenvolver a percepção dos sons da fala.

Resumindo, podemos dizer que o PIBID é um presente, uma grande oportunidade para a formação prática para os estudantes de graduação. Aproveite cada momento, cada desafio e cada aprendizado. A docência é uma profissão que exige constante aprimoramento, e o PIBID é o seu primeiro grande passo nessa jornada.

Fala, bolsista!

Nayane Silva de Oliveira

Polo de Ponte Nova



De todas as transformações que vivi, a maternidade foi, sem dúvida, a mais profunda metamorfose da minha vida. Tornei-me mãe aos 23 anos, uma fase marcada por dúvidas, incertezas e expectativas. Em meio a esse turbilhão, havia uma certeza inabalável: eu seria mãe de um menino. Essa experiência não apenas mudou meu cotidiano, mas ressignificou minha identidade e meus sonhos.

Durante a gravidez, minha mente pareceu congelar. Minhas antigas e futuras perspectivas ficaram suspensas. A antiga Nayane, que ainda aparece em momentos raros, cedeu espaço a uma nova versão de mim: uma mulher que ansiava apenas por conhecer seu filho. Faculdade, trabalho, planos tudo se tornou secundário diante da urgência de amar e cuidar daquela nova vida que crescia dentro de mim. Assim nasceu a minha versão mãe.

O puerpério foi uma virada decisiva. Se na gestação eu não queria nada além da maternidade, no pós-parto despontou em mim uma sede intensa de vida, de crescimento profissional e de novas experiências. Foi nesse momento vulnerável, no auge das emoções, que decidi abandonar o trabalho de escritório para me dedicar à pedagogia –minha verdadeira paixão.

Ser mãe, estudante, e bolsista do Pibid é como escalar o Everest, uma comparação clichê, talvez, mas extremamente verdadeira. Divido meus dias entre livros, fraldas, tarefas domésticas, trabalho e atividades do programa. Enfrento a culpa por não estar sempre presente, o cansaço que pesa no corpo e na mente, mas não desisto. Porque cada esforço carrega em si um propósito maior.

E nessa jornada múltipla, descobri forças que desconhecia. Cada pequena conquista reafirma minha capacidade: de cuidar, aprender, ensinar e resistir. Aprendi a me valorizar não apenas pelos papéis que desempenho, mas pela mulher que me torno a cada passo. Ser mãe não me diminuiu; me expandiu. E ocupar meu lugar inteiro, real e potente é, talvez, a maior vitória que posso celebrar.



TERRITÓRIOS PIBID

Trabalho acadêmico à vista:

Ansiedade infantil e uso excessivo de telas e consequências para a alfabetização entram em debate em novo TCC da UFOP



O Jornal Territórios PIBID anuncia, para breve, a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “*Ansiedade infantil e uso excessivo de telas: impactos no processo de alfabetização*”, de autoria de **Jéssica Roberta Coelho de Novais**, orientado pela **profa. Dra. Liliane Jorge**, do Departamento de Educação da UFOP.

ANSIEDADE INFANTIL E USO EXCESSIVO DE TELAS: IMPACTOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Pesquisadora: Jéssica Roberta Coelho de Novais – Pedagogia UFOP

A relação entre infância, tecnologia e alfabetização é o foco do Trabalho de Conclusão de Curso que será apresentado em 2026, em data ainda a ser definida. O estudo propõe uma reflexão sobre os impactos do uso excessivo de telas no processo de alfabetização de crianças, a partir de um relato de experiência docente na rede particular de ensino.

A pesquisa surgiu da observação de comportamentos recorrentes em sala de aula, associados a dificuldades de atenção, ansiedade e desafios no desenvolvimento da leitura e da escrita. O tema também foi motivado por conversas com famílias que relataram rotinas intensamente marcadas pela presença de celulares, tablets e outros dispositivos eletrônicos no cotidiano infantil.

Com base em referências das áreas da Educação, da Saúde e das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), o trabalho estabelece um diálogo entre fundamentação teórica e prática pedagógica. O objetivo é compreender de que maneira a exposição prolongada às telas pode interferir no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, especialmente em uma fase decisiva para a consolidação da alfabetização.

Após a apresentação e avaliação, o TCC será depositado na Biblioteca Digital da UFOP, onde, como todos os trabalhos de conclusão de curso da instituição, poderá ser acessado virtualmente pela comunidade acadêmica e pelo público interessado.

A pesquisa contribui para um debate urgente e necessário, trazendo à tona reflexões sobre os desafios contemporâneos da educação frente à cultura digital.

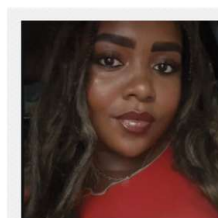


Jéssica Roberta e sua orientadora: profa. Liliane Jorge - ambas do DEEDU

Bolsistas PIBID alfabetização fizeram, em fevereiro de 2026, os cursos

“Violência Baseada no Gênero: Qual a nossa Responsabilidade como Rede?” e “Violência de gênero contra mulheres e meninas: prevenção em três níveis”

Os cursos foram ofertados pela Escola Nacional de Administração Pública – Enap (Escola de Governo) e teve carga horária de 10 e 30h respectivamente – modalidade EAD. Abaixo, a bolsista Ana Beatriz Maia e Silva expressa sua experiência com os cursos:



Ana Beatriz Maia e Silva
Bolsista PIBID - Alfabetização - EAD



“Os cursos contribuíram para ampliar meu olhar acerca da complexidade do tema e da importância de uma atuação articulada entre diferentes setores da sociedade.

As discussões reforçaram o papel da informação como instrumento fundamental de prevenção, orientação e acolhimento das vítimas. Compreendi que conhecer os fluxos de atendimento, os canais de denúncia e as políticas públicas existentes é essencial para que possamos agir de maneira responsável e ética diante de possíveis situações de violência.

Os cursos também evidenciaram a responsabilidade coletiva no enfrentamento da violência baseada no gênero, destacando o papel dos profissionais, das instituições e da comunidade na identificação de sinais, na escuta qualificada e na construção de redes de apoio eficazes.

Foi uma experiência formativa marcante, que provocou reflexões profundas sobre respeito, empatia e compromisso social. Considero esse aprendizado essencial tanto para minha formação pessoal quanto para minha atuação profissional, especialmente no que se refere à construção de ambientes mais seguros, justos e acolhedores.



TERRITÓRIOS PIBID

ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTOS E A EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA DA LEITURA LITERÁRIA

Rosângela Márcia Magalhães

Vivemos em uma sociedade grafocêntrica, na qual a circulação de informações, saberes e direitos está profundamente vinculada ao domínio da linguagem escrita. Nesse contexto, não basta que o indivíduo apenas reconheça o código alfabético; é imprescindível que compreenda as funções sociais da leitura e da escrita e seja capaz de utilizá-las em práticas significativas. Tal desafio impõe à escola a necessidade de superar fragilidades históricas no ensino da leitura e da escrita, enfrentando o fracasso escolar por meio de práticas pedagógicas mais contextualizadas e socialmente referenciadas.

A concepção de alfabetização em Paulo Freire amplia-se para além do domínio técnico do código escrito. Para o autor, a alfabetização configura-se como prática discursiva e instrumento de emancipação, constituindo-se em meio de fortalecimento da cidadania e de participação crítica na vida social (FREIRE, 1991). Ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989), o autor enfatiza que o sujeito, antes mesmo de sistematizar códigos linguísticos, já interpreta e atribui sentidos à realidade que o cerca. Nessa perspectiva, a alfabetização articula-se à democratização da cultura e à formação de sujeitos históricos. SOARES (2004) reconhece em Freire um precursor do conceito de letramento, ainda que o termo não fosse por ele utilizado, justamente por defender uma compreensão ampliada do processo de aprender a ler e escrever.

Do ponto de vista conceitual, SOARES (2003) distingue alfabetização e letramento. A alfabetização refere-se ao processo de aquisição do sistema de escrita alfabética, envolvendo a apropriação de habilidades de codificação e decodificação. Já o letramento diz respeito à condição de indivíduos ou grupos que participam efetivamente de práticas sociais de leitura e escrita, exercendo-as de modo competente em diferentes contextos (SOARES, 2003). Trata-se, portanto, não apenas de saber ler e escrever, mas de inserir-se nas práticas sociais mediadas pela cultura escrita.

Embora distintos, alfabetização e letramento são processos indissociáveis e devem ocorrer de maneira integrada. Nesse sentido, a proposição de “alfabetizar letando” aponta para a necessidade de ensinar o sistema de escrita articulado às práticas sociais reais, conferindo sentido ao aprendizado. Considerando a multiplicidade contemporânea de usos da escrita, torna-se pertinente falar em letramentos, no plural, reconhecendo a diversidade de práticas culturais, midiáticas, digitais e literárias que constituem a experiência leitora.

No âmbito da literatura infantil, a escola configura-se como espaço privilegiado para o desenvolvimento do letramento literário. Conforme COSSON (2012), o letramento literário corresponde ao processo de apropriação da literatura como construção estética de sentidos, possibilitando ao leitor estabelecer diálogo com o texto, consigo mesmo e com o mundo. Nessa perspectiva, a formação do leitor literário ultrapassa a mera compreensão textual: envolve a experiência estética, a sensibilidade, a imaginação e a fruição.

Assim, a promoção do letramento literário implica criar condições para que crianças e jovens não apenas leiam textos literários, mas aprendam a apreciar a literatura como experiência estética, capaz de ampliar horizontes culturais, fortalecer identidades e fomentar a autonomia crítica. Trata-se de reconhecer a leitura literária como direito cultural e como dimensão fundamental da formação humana.

Referências:

- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2012.
FREIRE, Paulo. A educação na cidade. São Paulo: Cortez, 1991.
SOARES, Magda Becker. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 25, jan./abr. 2004.
SOARES, Magda Becker. A reinvenção da alfabetização. Presença Pedagógica, v. 9, n. 52, jul./ago. 2003.





TERRITÓRIOS PIBID

Dica de Leitura: PNLD Literário



Autor Jandira Masur, Claudia Masur de Araujo Carlini, Michele Iacocca
Categoria da Obra Categoria 01 - Obras Literárias do 1º ao 3º ano do ensino fundamental
Editora EDITORA ATICA S.A. Número da edição: 1 Ano da edição: 2021
Número de páginas: 44

PIBID vai ao cinema



Título original: Memoir of a Snail
Título no Brasil: Memórias de um Caracol
Direção e roteiro: Adam Elliot
País de origem: Austrália
Ano de lançamento: 2024
Gênero: Animação, drama
Técnica: Stop-motion (animação em massinha/clay animation)

Fonte: gmagens

O livro *O frio pode ser quente?*, de Jandira Masur, com ilustrações de Michele Iacocca e publicado pela Editora Ática, trabalha de forma criativa a noção de opostos. A narrativa convida o leitor a perceber que ideias como certo e errado, bonito e feio ou fácil e difícil dependem do ponto de vista e do contexto. De maneira leve e instigante, a autora provoca reflexões sobre como interpretamos o mundo e nossas experiências. O projeto gráfico dialoga intensamente com o texto, e as imagens ampliam os sentidos da narrativa com traços expressivos e bem-humorados. A organização das páginas alterna frases curtas, versos e diferentes tamanhos de ilustração, criando dinamismo e surpresa. Essa composição torna a leitura envolvente e acessível às crianças. A obra se mostra potente para o ensino dos antônimos e para a ampliação do vocabulário. Também favorece o desenvolvimento do pensamento crítico nos anos iniciais. O material inclui versões para estudante e professor, além de recursos digitais com propostas alinhadas à BNCC e à PNA. Trata-se de um texto literário leve, com traços poéticos, adequado ao processo de alfabetização entre o 1º e o 3º ano do Ensino Fundamental.



Para baixar o catálogo digital do PNLD Literário 2023, copie e cole na sua barra de navegação:

https://stoapi.nees.ufal.br/pnld-guias-digitais-prod/guias/publicacoes/PNLD_2023_ANOS_INI_CIAIS_OBJETO_03_9BgQRdt.pdf

Memórias de um Caracol apresenta a história sensível de Grace Pudel, uma menina introspectiva que encontra nos livros e em sua coleção de pequenos caracóis um refúgio para a solidão. Ainda na infância, ela é afastada de seu irmão gêmeo, Gilbert, um garoto de personalidade intensa e fascinado pelo fogo; e essa ruptura marca profundamente sua trajetória. A separação desencadeia em Grace sentimentos persistentes de tristeza, insegurança e ansiedade, que atravessam sua juventude.

A narrativa acompanha suas perdas, frustrações e tentativas de se adaptar a um mundo que muitas vezes lhe parece duro e indiferente. No entanto, em meio às dores, surge Pinky, uma senhora irreverente, cheia de vitalidade e histórias improváveis. A amizade entre as duas transforma o rumo da protagonista, oferecendo não soluções mágicas, mas acolhimento, humor e uma nova perspectiva sobre a vida.

O filme merece ser assistido porque trata de temas delicados: abandono, luto, saúde mental e solidão — com sensibilidade e profundidade, sem perder a ternura. A animação em stop-motion impressiona pela riqueza estética e pelo cuidado nos detalhes, criando uma atmosfera ao mesmo tempo melancólica e poética. Além disso, a obra nos convida a refletir sobre resiliência, vínculos afetivos e a importância de encontrar sentido mesmo após experiências dolorosas. É uma história que toca o espectador não apenas pela narrativa, mas pela humanidade de seus personagens e pela mensagem esperançosa de que sempre é possível reconstruir-se.



TERRITÓRIOS PIBID

Dica de APP



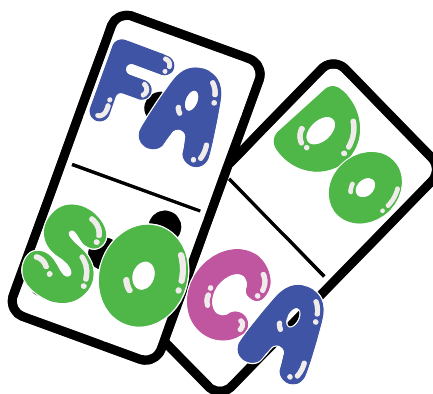
Totalmente gratuito.
Sem anúncios e sem compras internas.
Disponível em português!
Trabalha leitura, escrita, consciência fonológica, vocabulário e também matemática.
Indicado para crianças de 2 a 8 anos.

Território analógico:

Dominó de sílabas móveis

Promove:

Reconhecimento de sílabas e padrões sonoros.
Ampliação do repertório de palavras.
Noção de correspondência entre grafema e fonema.
Leitura e escrita emergente com significado.



O aplicativo ANTON tem se consolidado como uma ferramenta digital relevante para o trabalho pedagógico na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para nós, que atuamos no PIBID Alfabetização, ele pode ser compreendido não apenas como um recurso tecnológico, mas como uma possibilidade concreta de integrar cultura digital e práticas de letramento em sala de aula.

O ANTON oferece atividades organizadas por ano escolar e por componentes curriculares, incluindo Língua Portuguesa e Matemática. No campo da alfabetização, apresenta exercícios voltados ao reconhecimento de letras, formação de sílabas, leitura de palavras, compreensão textual e ortografia. As propostas são estruturadas de forma progressiva, permitindo que o estudante avance conforme seu ritmo, o que favorece intervenções mais individualizadas; algo essencial quando trabalhamos com turmas heterogêneas.

Um dos pontos fortes do aplicativo é a linguagem visual clara e motivadora. As atividades são interativas e curtas, o que contribui para manter a atenção das crianças, especialmente aquelas que apresentam maior dificuldade de concentração. Além disso, o sistema de recompensas simbólicas pode estimular o engajamento, desde que mediado com intencionalidade pedagógica e não utilizado como mero mecanismo de competição.

Para o pibidiano, o ANTON pode funcionar como ferramenta diagnóstica e complementar. Ao observar os erros recorrentes nas atividades digitais, é possível identificar hipóteses de escrita, dificuldades fonológicas ou lacunas na consolidação do sistema alfabético. Esses dados podem subsidiar o planejamento de intervenções mais significativas, articulando o digital com práticas concretas, como jogos com letras móveis, leitura compartilhada e produção de textos coletivos.

Nesse jogo, as peças não têm números, e sim sílabas. Cada jogador deve encaixar as peças seguindo a lógica do som, formando palavras completas.

Como funciona:

- Cada peça possui duas partes com sílabas diferentes, como ba, ca, ta, la, pa, etc.
- Os jogadores começam com um conjunto de peças na mão.
- A cada turno, o participante procura conectar uma sílaba de sua peça com outra já colocada na mesa que combine para formar uma palavra real.
- Quem não conseguir encaixar uma peça passa a vez.
- Ganha quem ficar sem peças primeiro ou quem formar o maior número de palavras corretas.

Por ser um jogo que envolve a manipulação concreta das peças, ele favorece uma aprendizagem multisensorial, na qual a criança vê, toca, organiza e reorganiza as sílabas enquanto pensa sobre os sons e as palavras que está formando. Essa dimensão tátil amplia a compreensão do sistema de escrita, especialmente nos anos iniciais. Além disso, trata-se de um recurso bastante flexível, podendo ser adaptado às necessidades específicas da turma, seja com sílabas simples, estruturas mais complexas ou encontros consonantais, acompanhando o nível de desenvolvimento dos estudantes.

Como fazer em sala de aula (ou com baixo custo):

- Recorte cartões de papel (ou papel cartão) em formato de dominó.
- Escreva sílabas comuns e/ou fale com a turma para que as crianças sugiram sílabas a serem incluídas.
- Deixe espaço para que os estudantes criem suas próprias peças ou variantes do jogo.

Esse jogo é flexível, colaborativo e estimula a criança a perceber que as palavras são formadas por partes sonoras que se combinam de maneiras variadas, um passo essencial no processo de alfabetização.

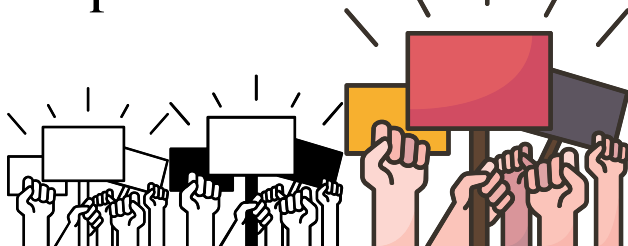


TERRITÓRIOS PIBID



TERRITÓRIOS RESPONDE

Por que alfabetizar é um ato político?



Se você já leu os livros de Paulo Freire, ou assistiu suas palestras e entrevistas, vai concordar comigo quando afirmo que alfabetizar para ele não tem nada a ver com ensinar alguém a juntar letras e formar palavras. Alfabetizar é um convite para ler o mundo! É um convite para conhecer, criar, não memorizar! É isso antes mesmo de ler o texto, antes mesmo de decodificar! Alfabetizar, na perspectiva de Paulo Freire, é contribuir para que a aluna e o aluno perceba que a sua voz pode ser ouvida e valorizada, que sua história é importante. E isso que faz a alfabetização ser um “ato político”.

Paulo Freire nos ensinou que nós aprendemos em relação com o mundo em que vivemos, ou seja, ninguém aprende isolado da realidade. E a realidade, os contextos sociais, são cheios de contradições, disputas de poder, injustiças. Assim, quando alguém aprende a ler e escrever, não está apenas adquirindo uma técnica; está conquistando instrumentos para interpretar o mundo e, consequentemente, sua própria condição nesse mundo. Pode, portanto, questioná-lo e participar das decisões que afetam sua vida. Por isso mesmo precisamos compreender que quando ensinamos alguém a ler, estamos abrindo caminhos para a autonomia dos sujeitos.

A alfabetização pode servir para domesticar (educação bancária) ou para libertar (educação como prática da liberdade). Ou seja, se for entendida e reduzida à memorizar e repetir sílabas, ela reforça a ideia de que o alfabetizando é um ser passivo. Mas quando nasce do diálogo, da escuta e do respeito à cultura do educando, ela se transforma em prática de conscientização. Lembrando que para Paulo Freire, a conscientização vai além da tomada de consciência, porque essa tomada de consciência deve ser desenvolvida de forma crítica: é preciso lutar para poder transformar a realidade.

Precisamos, ainda, lembrar que Paulo Freire afirma que ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1987). Por isso mesmo devemos combater aquela ideia de que o professor “transfere” conhecimento de forma unilateral para um aluno passivo, não é mesmo?

Isso significa que só podemos nos conscientizar na relação com o outro. A consciência crítica nasce da nossa relação com outro. Por isso mesmo, o estudante não pode ser um depósito de conteúdo, mas sim um sujeito do conhecimento. Ser sujeito do conhecimento é saber que pode e deve perguntar, discordar, propor, participar e transformar!

Alfabetizar é um ato político porque envolve escolhas. Por exemplo: que palavras serão ensinadas? Por que serão ensinadas? A favor de quê serão ensinadas? Contra quê serão ensinadas? Que visões de mundo serão legitimadas e porquê? Não existe neutralidade nessas decisões. Toda prática educativa carrega uma intenção, esteja ela explícita ou não. Alfabetizar, então, é um gesto de esperança. É acreditar que cada pessoa pode compreender criticamente a realidade e atuar sobre ela.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

Expediente

Territórios PIBID

Edição 0 – Março de 2026

Ouro Preto, Minas Gerais

ISBN 978-65-01-96212-2

Publicação vinculada Subprojeto

Alfabetização – EAD

do Programa Institucional de

Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) UFOP.

Coordenação Editorial

Profa. Dra. Gláucia Maria dos Santos Jorge

Profa. Dra. Rosângela Márcia Magalhães

Conselho Editorial

Gláucia Maria dos Santos Jorge

Rosângela Márcia Magalhães

Liliane dos Santos Jorge

Joyce Maia do Nascimento

Giovanna Tayller Rodrigues de Oliveira

Cláudia Aparecida de Andrade

Organização

Rosângela Márcia Magalhães

Gláucia Maria dos Santos Jorge

Revisão

Rosângela Márcia Magalhães

Gláucia Maria dos Santos Jorge

Projeto Gráfico e Diagramação

Gláucia Maria dos Santos Jorge

Rosângela Márcia Magalhães

Colaboradores(as) desta edição

Liliane dos Santos Jorge

Hércules Tolêdo Corrêa

Nayane Silva de Oliveira

Jéssica Roberta Coelho de Novais

Ana Beatriz Maia Silva

Contato:

glauucia@ufop.edu.br

rosangela.uabped@ufop.edu.br